

TECNOCRACIA GEOPOLÍTICA PROJETANDO A ¹ INFRAESTRUTURA DO TERRITÓRIO DO NOROESTE AMAZÔNICO

¹Wendell Teles de Lima

Edu Silvestre de Albuquerque

RESUMO: A geopolítica foi muito tempo exorcizada, tentou-se falar em Geografia Política, a própria geografia relegou está como análise. O Estado foi deixado em último plano como elemento distante a não se falar nas análises espaciais, outro problema, para muitos geógrafos é dos Militares, no entanto, o pensamento que permear a Amazônia terá que falar-se destes autores, até hoje pensado com os grandes corredores pensado na região foram desenvolvido por estes autores existentes na região.

Palavras-chave: Geopolítica; Estado, Pensamento.

ABSTRACT: Geopolitics has long been exorcised, it has been tried to speak of Political Geography, geography itself has been left as an analysis. The State was left in the background as a distant element not to be mentioned in spatial analyzes, another problem, for many geographers is that of the Military, however, the thought that permeates the Amazon will have to speak of these authors, until today thought with the large corridors designed in the region were developed by these authors existing in the region.

Key words: Geopolitics; State, Thought.

Introdução

Originalmente, os territórios nacionais que fragmentariam a vastidão do espaço amazônico são definidos à partir da herança dos projetos geopolíticos europeus, sobretudo das Coroas de Espanha e Portugal, onde a posse da foz

2PROFESSOR DOUTOR DA UFRN DO PROGRAMA DE POS GRAUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UFRN.

1 POS DOUTORANDO EM GEOGRAFIA DA UFRN.

do Amazonas pelos portugueses assegura à coroa lusitana a maior parcela territorial da região (ANDRADE, 2006).

A geopolítica amazônica será presença sempre constante na formação territorial brasileira, inclusive com a emergência de um pensamento nacional relacionado a projeção e exercício do poder na região Porto Gonçalves (2001, p.1 p.1). Esse pensamento geopolítico nacional foi estruturado sobretudo à partir de geopolíticos militares, razão pela qual enfatizamos na pesquisa os autores militares do período republicano, notadamente Mário Travassos (1935), Golbery do Couto e Silva (1981) e Carlos de Meira Mattos (1975).

Entretanto, mais recentemente cresce a importância de atores não-estatais na construção das relações de poder na Amazônia, tornando necessário a consideração de estudos que buscam fugir de uma perspectiva reducionista estadocêntrica. A construção das tessituras ou tramas territoriais deriva em maior ou menor medida das estratégias desenvolvidas a partir dos interesses de diversos atores, ou seja, os territórios são definidos à partir das ações projetivas desses atores ao longo dos campos ou linhas de força que vão se constituindo Raffestin, (1993).

Os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa

O poder infra estrutural do Estado em Ratzel, João Phelipe Santiago (2002)¹⁰. Na constituição do seu Corpo de Pátria, assim denominado por Magnoli (2003) (1997) "todas as partes do território não têm o mesmo valor". Envolve a ocupação da Guiana Francesa como retaliação as invasões napoleônicas na Europa. E mais recentemente, envolve Brasil e Peru pela anexação do Acre, na Zona do Trapézio Amazônico, porque essa região tinha um valor estratégico para a bacia de drenagem da Amazônica causando o Armistício de Loreto e Letícia).

Pensando nisso, os termos fronteira ou limites são elásticos e podem evoluir com o tempo ou se, a argumentação sobre o progresso da humanidade e o desenvolvimento do país (nação) está relacionada com a questão nacional, no que concerne à luta entre as nações, em conexão com o ideal de "concorrência social" (RATZEL, 1983, p. 46). Desse modo, para um país ter sucesso, cabe à sua população a coesão nacional; do contrário, está fadado a acabar.

Os Estados nacionais na Amazônia, e a população

Nessa poderosa ação do solo, que se manifesta através de todas as fases da história como em todas as esferas da vida presente, há alguma coisa de misterioso que não deixa de angustiar o espírito; porque a aparente, liberdade do homem parece como que anulada. Vemos, com efeito, no solo, a fonte de toda servidão. Sempre o mesmo e sempre situado no mesmo ponto do espaço, ele serve como suporte rígido aos humores, às aspirações mutáveis dos homens, e, quando lhes acontece esquecer desse substrato, ele lhes faz sentir seu império e lhes lembra, por sérias advertências, que toda a vida do Estado tem suas raízes na terra. Ele regula os destinos dos povos com uma brutalidade cega. Um povo deve viver sobre o solo que recebeu por acaso, deve em ele morrer, deve submeter-se à sua lei. É no solo enfim que se alimenta o egoísmo político que faz do solo o objetivo principal da vida pública; ele consiste, com efeito, em conservar sempre e, apesar de tudo, o território nacional e em fazer de tudo para permanecer o único a dele desfrutar, mesmo quando os laços de sangue, as afinidades étnicas inclinassem os corações para as gentes e as coisas situadas além das fronteiras, Ratzel, 1983, p. 100).

As fronteiras aparecem como alicerce, uma espécie de invólucro dos Estados Nacionais e elas podem mudar de acordo com as condições naturais darão aos países identidades conforme o momento de sua formação territorial.

Ratzel (1983), ao discutir tais questões, transmite uma característica importante de sua visão: a cultura e o espírito humano são fatores associados às ideias de progresso, de território, de Estado e de destino e progresso da humanidade, questões que se articulam, numa perspectiva mais ampla de seu pensamento, à questão nacional. Pois à medida que a “evolução humana sobre esta terra se dilata mais, o progresso pode ser figurado, com uma aproximação suficiente, por uma espiral ascendente cujo raio vai aumentando cada vez mais. [...] na extensão progressiva do território dos Estados, [há um] caráter essencial e, ao mesmo tempo, um poderoso motor do progresso Ratzel (1983, p. 101).

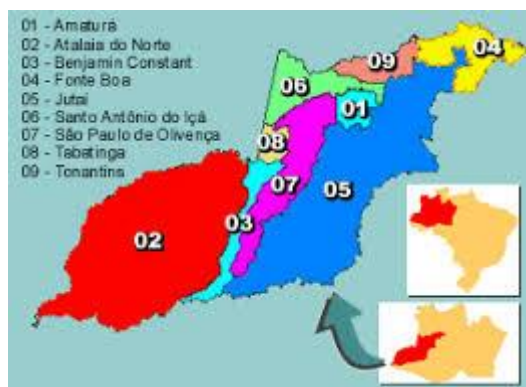
Apesar das críticas ao reducionismo da sociedade o homem aparece como um elemento fundamental na geografia, talvez venham a lançar contra a nossa concepção a crítica de que induzindo à consideração do território, sem o qual o povo não poderia existir, diminuiríamos o valor próprio do povo, sobretudo de suas forças espirituais. Mas devemos visar sempre unicamente à investigação da verdade. A exata valorização do elemento humano na história não pode ser obtida senão mediante o estudo das condições em meio às quais o homem realiza sua obra política (RATZEL, 1983, p. 80).

Ratzel (1983) apesar das críticas injustas aparece como um dos pioneiros da Análise do Estado e do espaço geográfico analisando as condições ambientais de do território.

Caracterização da área de estudo: o Noroeste da Amazônia

As duas regionalizações mais comuns para o espaço amazônico dividem essa imensa área em porção Setentrional e Meridional e em porção Ocidental e

Oriental. De acordo com o procedimento metodológico da velha Geografia Regional de Vidal de La Blache, a técnica da sobreposição de mapas nos permite falar ainda em quatro distintos compartimentos geográficos ou subdivisões regionais: o Sudeste Amazônico, o Sudoeste Amazônico, o Nordeste Amazônico e o Noroeste Amazônico.



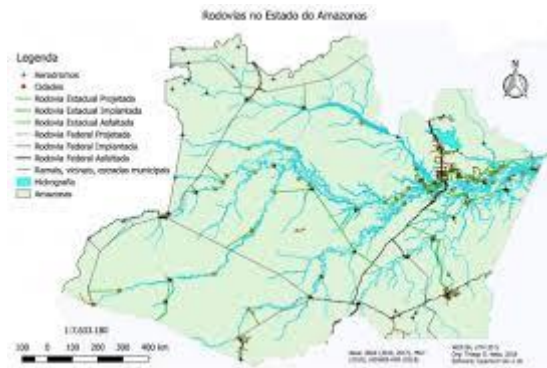
Fonte: dannybia.com/danny/ut_publ/know/cities/alto_solimoes

03/12;2020

Estamos falando de uma área territorial de 2.200.000 km² lembrando que essa bacia está circunscrita a bacia do afluente principal que o rio Amazonas/Solimões. Área gigantesca dominada pela floresta equatorial e manchas de cerrado, onde apenas as comunicações aéreas e fluviais são possíveis quando se pensa em longas e médias distâncias. De modo que, todas as cidades que assim como Tabatinga estão situadas na margem esquerda do Solimões, acabam sofrendo uma maior influência da setentrionalidade amazônica no momento de pensarmos as ligações terrestres no interior deste espaço.²

Estradas da Amazônia Pensadas e Realizadas

² Mesmo a construção de uma série de obras de arte somente guardaria sentido depois da existência de uma malha rodoferroviária de relativa densidade particularmente na Amazônia Setentrional., cabe ressaltar que esse imenso território não tem dutos, e estradas esse é “problema” territorial da Amazônia um “vazio” demográfico.

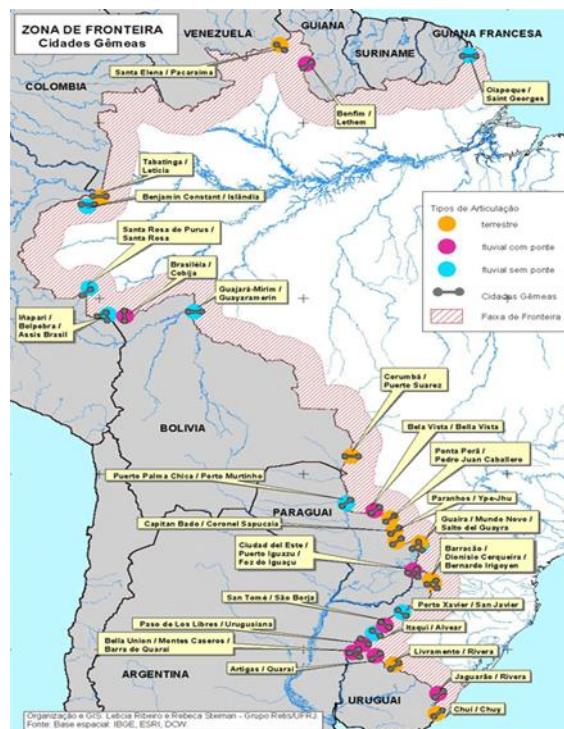


Fonte: nfoescola.com/mapas/mapa-rodoviário-do-amazonas

03/12;2020

Podemos observar que as cidades principais são Manaus e Belém, em torno de algumas cidade como Tabatinga/AM temos comunidade indígenas de vido a dimensão territorial não tempo a presença de grandes cidades, “grandes” pode ser considerada com menos de 50 mil habitantes como a cidade de Letícia/Col que cidade conturbada com a cidade brasileira de Tabatinga/AM

Como estratégia do povoamento foi reeditado no Governo Sarney 1985-1990 sendo ele criado pelos militares, ideia era povoar o Arco Norte no primeiro momento. De criar atividades econômicas na região em função de seu distanciamento.



Fonte: researchgate.net/figure/Figura-05-Cidades-gemeas-ao-longo-fronteira-internacional-brasileira-2006

03/12;2020

A fronteira é uma das preocupações brasileiras, como estratégia de ocupação para seu povoamento foram criadas cidades, para trazer o Estado brasileiro para áreas lógicas distantes da capital do país.

1.2. A produção do(s) discurso(s) ambiental(is) amazônico(s)

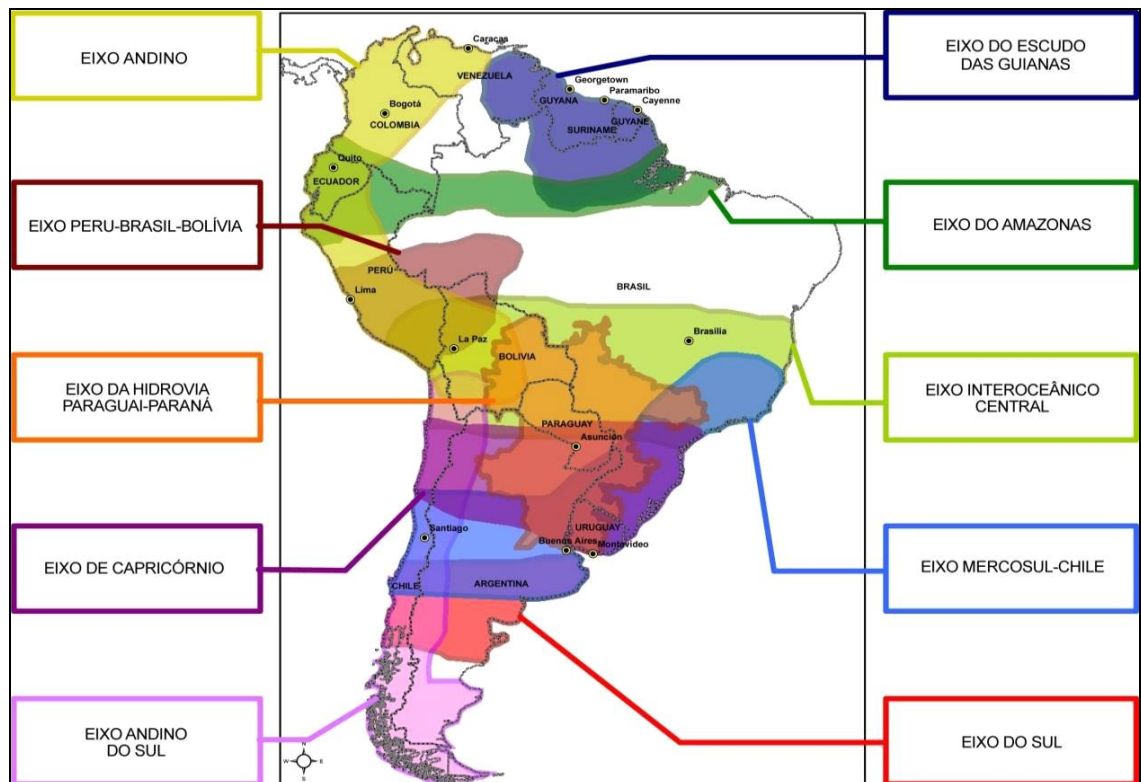
Não tem como falar em Amazônia o discurso Ambiental tá em voga nos anos de 1970 temos a sua presença e foi se fortalecendo com as questões ambientais na região, o chamado vetor ambiental tendeu a se fortalecer junto com o vetor tecnológico criado nos 1980 e já existia vetor technoindustrial Becker (2004) que na realidade terminou não falando com este nos anos de 1970. Que na realidade traz problema pra região em função de não se falarem.

NOVO PENSAMENTO AMAZÔNICO PELO ESTADO BRASILEIRO

Para mudar essa realidade, foi criado na Secretária de Assuntos estratégico nos anos de 1990, pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso a IIRSA (regionalismo estrutural” na América do Sul) a versão mais nacionalizada dela foi Eixos de Integração e Desenvolvimento (EIDS) que eram corredores transnacionais que ligavam todo o país, principalmente a Amazônia.

A Região é pensada como corredor de exportação para o Pacífico e o Atlântico, ela aparece como uma interseção, para o grande empreendimento internacionais para o país.

Na versão Internacional ampla é vista a IIRSA na versão mais nacionais são os EIDS em uma versão nacionalizada do território estrategicamente pensado. No mapa abaixo vemos divisão do país.



Fonte: Geosur, 2020.

A Figura 1 traz a América do Sul compartimentada pela compartimentação da América do Sul reverberada pelo pensamento do teórico geopolítico no século de 1930 já pensada pelo geopolítico Mário Travassos que pensava na junção das bacias oceânicas e hidrográficas.

Para Rodrigues (1947, p. 63) esses corredores abrangem o triângulo Boliviano de Travassos (área de tensão de forças do sistema formado pelas cidades de Cochabamba, Sucre e Santa Cruz de La Sierra) que abrangem nessas localidades as cidades de Tabatinga (BR) e Letícia trazendo a hegemonia brasileira sobre a bacia de drenagem amazônica.

A adaptação da ideia mackinderiana de área-pivô da teoria travassiana e depois aos estudos de Rodrigues é evidente. Para Rodrigues (1947) e Primmer (apud Roseira, 20011) são fundamentais para o país só assim segundo o primeiro geopolítico acabava com as linhas de tensão chamadas de *pos punctum dolens* ao longo da fronteira.

Os EIDs instalados nos anos 90, os pontos de apoio de alguns dos grandes territórios se baseiam também nesses nós ou pontos estratégicos de energia, que serviram de plataforma de radiação no continente.

Vlach (2003, p. 4), destaca que Travassos (1935) não esquece da região amazônica, ainda que não apareça como objetivo geopolítico central para nossas políticas territoriais na primeira metade do século XX³:

Do ponto de vista nacional, é o engrandecimento do Estado brasileiro que está em questão: Travassos avalia que “nossa unidade geográfica” ainda precisa “*traduzir politicamente os fatores que a manifestam*”, de maneira indiscutível, na faixa atlântica e no interior do território, de maneira que o Estado brasileiro se consolide como uma única unidade política. No Norte, deve-se transformar o potencial centrípeto da Bacia Amazônica em realidade pela implantação de uma rede de transportes (...).

Por outro lado, o autor insiste em mostrar que a penetração *yanquee* (é o termo que utiliza) aproveita a instabilidade geográfica dos vales longitudinais dos Andes e o “caminho livre” oferecido pelas Antilhas, cujo caráter de mar mediterrâneo lhe é dado pelo Canal do Panamá. Considera que “*cabe ao Brasil tomar consciência dessa formidável realidade geográfica*” para exercer o seu “papel coordenador”. Podemos nos perguntar se, de maneira ainda mais perspicaz, Travassos não estaria sugerindo ao Estado brasileiro que promovesse os meios para tentar diminuir a influência dos Estados Unidos na região, começando pela definição de estratégias para o desenvolvimento das redes de transporte.

Como se percebe à partir de Vlach, se preocupa em neutralizar pretensões hegemônicas regionais como a argentina, também se volta no longo prazo à neutralização de interesses dos países centrais, região, seja no fornecimento de material militar à Venezuela, seja na forma de hegemonia benevolente com a construção de um canal interoceânico na Nicarágua.⁴

A preocupação com as fronteiras foi uma constante, ou seja, procurou-se estimular as “áreas mais distantes da capital do país” portanto ocorreu uma preocupação com o arco norte.

em franca manifestação prática, que se traduzem, quer na neutralização do poder concêntrico na Bacia Platina, quer na força de atração do Amazonas, quer

³ Afinal, prioritariamente tratava-se então de "neutralizar a influência argentina, cujo vetor principal é a influência que Buenos Aires exerce na Bacia do Prata." Vlach (2003, p. 4).

na capacidade coordenadora do litoral atlântico, em relação a ambas, as mesmas são altas manifestações de potencial econômico e político que o Brasil tem em suas mãos. (Travassos, 1942, p. 145-146).

Na figura 01, com o processo de constituição do eixo Amazonas observamos a união dos dois sistemas oceânicos, que convergem em direção ao centripetismo amazônico.

Figura 01: Eixo Amazonas



Fonte: IIRSA, 2020.

O Eixo do Amazonas envolve a dinamização e utilização do sistema fluvial de transportes, seis estradas em direção à costa do Pacífico comunicando-se com os portos de Pulcapa, Yurimaguas y Sarimizira, no Peru; Puerto Orellana Y Morona, no Equador; e Puerto de Asis, na Colômbia. O resultado dessas iniciativas se baseia no sistema multimodal para a transposição da Cordilheira Andina, aproveitando-se da facilitação dos *Pasos* e *Nudos*.⁵ O financiamento dos estudos desse eixo coube a Corporação Andina de Fomento (CAF), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDS).

Fonte: IIRSA, 2020.

Além das duas bifurcações que à partir da cidade de Porto Velho, em Rondônia, alcançam os portos peruanos, temos a ligação dos sistemas Pacífico e Amazonas via rio Madeira. Além do escoamento da produção peruana, temos a porta de saída da Bolívia ao Atlântico e ao sistema geográfico da bacia amazônica. A esse respeito, Marmejejo (2012, p. 48) comenta:

Cabe ressaltar aqui que, la motivación para las propuestas de largo plazo para la construcción o prolongación de algunas de las actuales carreteras, tales como la llamada transoceánica, puede encontrarse en los planes de ocupación fronteriza y soberanía territorial que impulsaron los gobiernos militares durante la década del 60 y una estrategia de desarrollo sostenible; además porque algunos tramos no tienen una justificación económica evidente, pero sí abrirían frentes de ocupación sobre algunas de las regiones, más remotas e intocadas de la Amazonia, como las triple frontera entre Brasil, Perú y Bolivia.

O impacto esperado pela rodovia é o aumento dos fluxos nessa tríplice fronteira e o incremento do povoamento na Amazônia. Em termos diplomáticos, as pretensões brasileiras envolvem o reforço da captação do sistema geográfico regional ao Pacífico pela bacia amazônica, e a consequente neutralização de alguns países sul-americanos com anseios expansionistas, como o Peru ao envolvê-lo numa dimensão cooperativa regional.

Muitas críticas dirigem-se à grande vértebra em torno dos custos ambientais sobre as áreas florestais; sociais, em razão das populações tradicionais existentes e suas frágeis cadeias produtivas; econômicas, em função da rota ainda ser inviável financeiramente, sobretudo no transporte da soja.

Quanto à Amazônia boliviana, está sofre influências brasileiras de longa data, como ocorreu com a anexação do Acre e atual presença massiva de seringueiros brasileiros na província de Pando. O temor boliviano é que essa rodovia possa favorecer o aumento do controle brasileiro na região.

No eixo amazônico mais setentrional, os grandes territórios são marcados pelo escudo das Guianas, partindo do estado do Amapá e projetado em direção

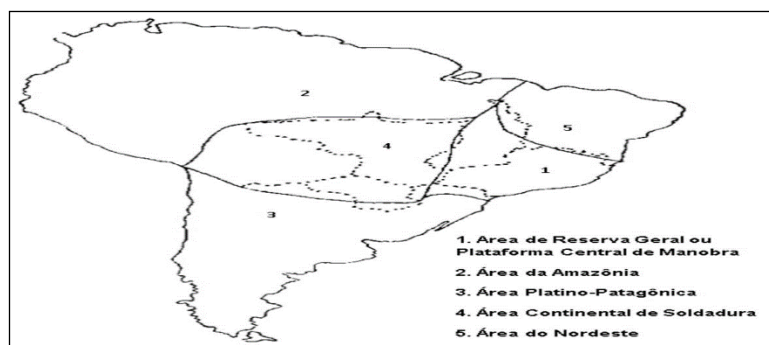
à Venezuela e ao Mar do Caribe, também denominado Manaus – Caribe (Figura 08).

A parte amazônica da região em tela destaca-se na conservação ambiental de seus ecossistemas em decorrência do isolamento extremo. As áreas de cerrado de Roraima representam uma exceção graças ao desenvolvimento agrícola possibilitado. Mas é a Venezuela que representa uma importante área no desenvolvimento desse escudo, que concentra sua produção de hidrocarbonetos no mar caribenho. No lado oriental, aparecem as Guianas, cuja base econômica é a produção de açúcar, arroz e minerais.

Podemos observar na Figura 09 que a vertebração neste grande corredor é essencialmente longitudinal (como a BR 174), o que provoca uma integração territorial mais extrovertida sem mesmo termos completado a interligação terrestre entre as capitais dos estados da Amazônia Setentrional, Albuquerque, 2018).

Couto e Silva (1981) percebeu que as bacias hidrográficas Amazônica e Platina. Além da preocupação com o controle do território, sua obra trata da importância da coesão territorial. De mais a mais, empenha-se em analisar a grande extensão.

As ideias de Couto e Silva (1981) representaram o ápice do pensamento geopolítico militar, tendo como influência, ainda, a geopolítica de Travassos em extensão do território.



Fonte: Couto e Silva, 1975.

Segundo Mattos (1975) o *realismo político* é parte componente da geopolítica

A Geopolítica realizada no Círculo Militar brasileiro tem profunda influência desta realismo político] “escola”, fundamental para dentro das Relações Internacionais. Meira Mattos, importante teórico da Geopolítica efetivada dentro do Estado-Maior brasileiro, e em definição que possui uma clara influência do Realismo Político, entende “o poder como a capacidade de impor a sua vontade a outrem” (Gil, p. 4, 2019,).

Esse geopolítico foi fundamental na constituição do território assim como Travasso (1935) nos anos de 1940 temos como expoente general Golbery Couto Silva em seguida com a popularização dos geopolíticos brasileiro temos o General Meira Mattos que propagou as ideais e a própria geopolítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. A GEOPOLÍTICA DA AMAZÔNIA NO SÉCULO XXI, II SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA POLÍTICA, REVISTA GEONORTE, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.933-952, 2013.

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia: ciência da sociedade. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

ANDERSEN, S. M. A fronteira na concepção da Geopolítica Brasileira: entendendo a origem dos conflitos. In: 7º Colóquio de Transformações Territoriais da AUGM, 2008, Curitiba. **Anais do 7º Colóquio de Transformações Territoriais da AUGM**. Curitiba: UFPR, 2008

BANDEIRA, Luís Alberto Moniz. **O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados da Bacia do Prata**. Brasília: Editora da UnB, 1995.

BECKER, B. Geopolítica da Amazônia. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 71-86, São Paulo, 2005.

BECKER, Bertha K. Os Eixos de Integração e Desenvolvimento e a Amazônia. **Revista Território**, n. 6, p. 29 – 42, jan./jun., 1999.

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia Estudos Avançados, n.19, p.71 – 86, 2004

BRASIL. Consórcio Brasiliana. **Programa Brasil em Ação**: eixos nacionais de integração e desenvolvimento. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) PBNCN- 01/97. (Relatório Final do Marco Inicial). Brasília, D. F.: Consórcio Brasiliana, 3. vol., 1998.

COUTO e SILVA, Golbery. **Conjuntura Política Nacional, Poder Executivo & Geopolítica do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

GIL, Henrique de Freitas Chimenes. Golbery do Couto e Silva e as bacias Amazônica e do Prata: uma análise comparada das políticas. XIII **ENAPEGE**, A geografia brasileira na ciência do mundo: Produção, Circulação e apropriação do Conhecimento, de 2 a 7 de setembro de 2019. São Paulo

Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades, GONÇALVES, Carlos Walter Porto. 2001, p.1. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cecena/porto.pdf>

IIRSA. **Eixo de Integração e Desenvolvimento (EIDs)**. Disponível em: <<http://www.iirsa.org/>> Acesso em: 1º jul. 2014.

MAGNOLI, Demétrio. **O corpo da pátria**. São Paulo: Moderna/EDUNESP, 1997.

MATTOS, Carlos Meira. **A geopolítica e as projeções do poder**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1977.

MATTOS, Carlos Meira. **Geopolítica e Destino**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.

MAGNOLI, Demétrio. O Estado em busca do seu Território. Terra Brasilis, n.4-5, 2003.

PFRIMER, Matheus de. A relação entre o solo e o Estado - Capítulo I O Estado como organismo ligado ao solo. [p. 59] Friedrich Ratzel. **Geosp – Espaço e Tempo**, n. 29, p. 51-58, 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RATZEL, Friedrich. O solo, a sociedade e o Estado. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo: USP/FFLCH, v. 2, p. 93-109, 1990.

RODRIGUES, Lysias A. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Edição da Biblioteca Militar, 1947.

ROSEIRA. Antônio Marcos. Nova Ordem Sul-Americana: Reorganização Geopolítica do Espaço Mundial e Projeção Internacional do Brasil. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, USP, São Paulo – SP. 2011

SANTIAGO, João Phelipe. Espaço Geográfico e Geografia do Estado em Friedrich Ratzel, Ed. Vitória da Conquista, 2001. 1

TRAVASSOS, Mário. **Projeção Continental do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

VLACH, Vânia Rubia. Estudo preliminar acerca dos geopolíticos militares brasileiros. **Terra Brasilis**, n. 4 - 5, 2003.

Sites

<https://www.coladaweb.com/geografia-do-brasil/ocupacao-amazonia>

<http://www.idam.am.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Tabatinga-2012.pdf>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamin_Constant_do_Sul

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Leticia_\(Col%C3%B4mbia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Leticia_(Col%C3%B4mbia))

https://www.dannybia.com/danny/ut_publ/know/cities/alto_solimoes.htm

<https://www.infoescola.com/mapas/mapa-rodoviario-do-amazonas/>

https://www.researchgate.net/figure/Figura-05-Cidades-gemeas-ao-longo-fronteira-internacional-brasileira-2006-Fonte-Grupo_fig1_277236672